


Yoko Ono "Cut Piece" Performance
https://www.youtube.com/watch?v=Zfe2qhI5Ix4
Pala ler uma interpretação da obra
https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/tragicos-eventos-recentes-mostram-atualidade-da-obra-de-yoko-ono/

Aula 3

A Arte como colaboradora de transformações sociais, corpo e corpo político Arte e Indústria Cultural



Guia resumo

Como a arte foi usada e analisada de para diferentes fins

Arte e comunicação
Arte educação

Exemplos de obras/ artistas e movimentos

- 3 de maio em Madri, Goya
- Internacional Situacionista
- Movimento contracultura
- Projeto cédula
- Emory Douglas
- Nise silveira

PAUSA - EXERCÍCIOS DE CONSCIÊNCIA

- Ismael Ivo
- Hélio Oiticica

Indústria cultural

Como sempre dizemos, a arte fala sobre as discussões do seu tempo: acompanha a concepção da época das/os próprias/os artistas (que, em qualquer momento histórico, sempre estavam discutindo o que ela era e o modo ideal que se dá a prática artística) bem como os valores da sociedade que respigavam nela.

Desse modo, além dela ter sua própria história, em diversos encadeamentos de ações, propostas, críticas e movimentos, ela também pode ser vista como um auxílio para:

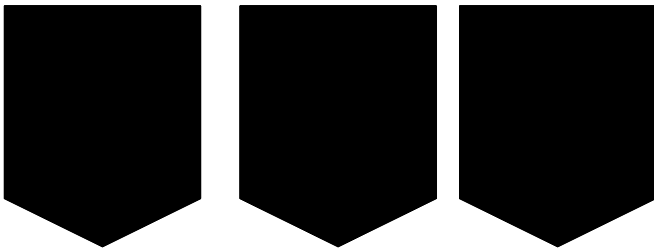
1- entendimento do pensamento e cultura da época a ser estudada (visual, sonora, corporal). Obs: Essa seria uma visão social-histórica, que oferece importância a essas "marcas" histórias e situações da época que a obra de arte refletiria. Refletir aqui é uma boa palavra para a crítica deste método em que, uma das problemáticas, é enxergar a arte só como espelho histórico, refletindo exatamente como as coisas foram.

2- ferramenta de comunicação da época com seus pares, com seus deuses, com os inimigos, entre outras figuras e grupos - aqui podemos falar que esta função dada a ela se encaixaria, talvez, no que chamariamos de comunicação visual (poderíamos associar com o que temos hoje como Design Gráfico?). Uma comunicação no sentido de querer passar uma mensagem para um receptor, sendo ela o "meio" desse processo. Uma outra função dela.

A arte que nos toca, incomoda, nos faz admirar ou polemiza, gera, querendo ou não, a discussão sobre o que pode significar a própria arte e a vida.

Como nada do mundo é fechado, é 100% de si, podemos nos questionar se toda obra de arte não comunica algo, mesmo ela não sendo pensada para reproduzir uma mensagem tão clara, mesmo que ela não seja utilizada desta maneira mais prática que é querer comunicar algo para alguém (e para isso a mensagem deve, geralmente, ser o mais direta e entendível possível)

Obs: aqui elencamos duas maneiras que arte pode se inserir ou ser usada nos estudos e na vida, não que estas duas sejam as únicas maneiras que esta área de conhecimento pode ser trabalhada.



Sabendo disso hoje vamos falar de como a arte foi utilizada e ainda pode colaborar como elemento comunicativo e de revolta, ou como colocamos lá no cronograma da primeira aula ‘A Arte como colaboradora de transformações sociais, corpo e corpo político” x “Arte e Indústria Cultural”

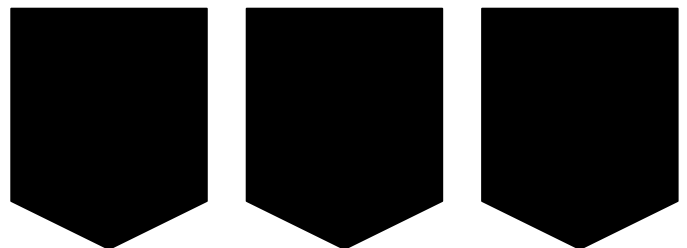
A arte tem poder de mudar o mundo ou que muda o mundo são as pessoas?

Para as pessoas mudarem o mundo não é preciso gerar essa vontade?

Essa vontade, sentido de se ver como ser histórico e participante, capaz de transformar sua própria realidade surge de muitos lugares, mas um deles é o processo educativo.

A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna portanto históricos. (Paulo freire, Pedagogia da Indignação, p.20)

Falando um pouco desse processo educativo que a arte pode contribuir, vamos olhar umas obras:





O nome da obra: *O 3 de maio de Madri de Francisco Goya*

Tente responder:

O que acontece nessa obra?

Para onde o olhar está sendo direcionado? Liste elementos que conduzem nosso olhar.

Essa obra pode estar falando de algo muito antigo ou atual?

O primeiro elemento que vemos no quadro é a figura de um homem com suas mãos para o ar, assustado, com uma camiseta branca que brilha, ele reage a armas apontada para ele e seus possíveis companheiros. Esse brilho na camiseta, a luz que desce sobre ele, o ângulo das mãos e o apontar dar armas são elementos interessantes de observarmos para pensar o que faz o nosso olhar caminhar.

A Cena parece aterrizante: vemos pessoas tampando o rosto, ajoelhadas, amedrontadas, sangue e mortos no chão. Do outro lado está um corpo homogêneo sem rosto (e portanto sem identidade?) de soldados, rígidos, pintados de cores frias e sóbrias, que formam uma barreira com suas armas. Veja como essa linha quase horizontal das armas parece deixar esse símbolo, ainda, muito mais violento.

O 3 de maio de 10808 foi um evento brutal da demonstração da violência do exército napoleônico que, neste dia, matou inocentes espanhóis, querendo vingar a reação da população espanhola no dia anterior, que revidou contra a invasão francesa que ocorrerá.

Francisco José de Goya y Lucientes, nascido em 1746 na Espanha, foi um pintor que poderíamos colocar como romântico (ou com fortes influências do romantismo ou romântico, mas com muitas especificidades do seu fazer artístico) pelo seu apelo evidente a emoção e a subjetividade, além da proximidade temporal com tal movimento, que ganhava forma. Foi crítico a Inquisição católica na Espanha, da guerra napoleônica e as catástrofes que ações como essas geram ao povo. Grostesco, medo, crítica à superstição são palavras que podemos muito bem associar a ele. A *série "Desastres da Guerra"* deixa explícito a observação, registro e crítica aos pesadelos dos conflitos.

A Contracultura e a importância de Maio de 68 para nossos tempos



As manifestações de Maio de 68 na França tornaram-se um marco icônico na história da humanidade. Ainda que a efervescência política e social francesa tenha se tornado grande referência sobre aquela época, os movimentos estudantis na realidade foram presentes e assertivos por todo o mundo.

Além das barricadas francesas de Maio de 68 , a época foi marcada pelo movimento de contracultura nos Estados Unidos, a Primavera de Praga na República Tcheca, o Massacre de Tlatelolco no México, a Passeata dos Cem Mil no Brasil e até mesmo no oriente, com protestos japoneses.



Não se tratava de negar historicamente o maio de francês, isso foi de importância muito grande para o Brasil e o para o mundo, mesmo que não pudéssemos tormá-lo como um modelo exclusivo. Tanto a juventude quanto a classe operária vinha naquela época criticando a massificação do consumo que estava em voga.

50 anos mais tarde, o momento histórico ainda rouba os holofotes e é tema de debates e produções culturais. Há uma paixão comum pela literatura, pela arte e pela política revolucionária moderna. 68 foi uma revolução social derrotada, daí a necessidade de se extrair lições daquela experiência, que poderão ser úteis às novas tentativas de revolução social.



Relembrar os acontecimentos após cinco décadas por meio da literatura e da arte em geral, é uma forma de participar da disputa pela memória histórica da revolução. As revoluções de 1968 representam um acontecimento de dimensão mundial, reconhecido pela historiografia contemporânea como um dos pontos de inflexão mais decisivos da história moderna, como as revoluções de 1789, 1848 ou 1917.

Quando falamos de cultura, relacionamos a cultura política, cultura da classe trabalhadora e da juventude. É inegável que essa noção mais ampla de cultura não se desprende só a cultura de cinema, teatro. A cultura então obviamente atravessa as práticas sociais e vai ter reflexos inclusive em todas as formas de artes.



Há dois aspectos bastante originais da produção artística naquele momento. O primeiro diz respeito ao fato de que, em 68, a tática de propaganda extrapolou o cartaz e o panfleto político. Os escritores recordam o chamado "desvio dos quadrinhos", um método que consistia na “APROPRIAÇÃO" de quadrinhos veiculados, fazendo mudança nos textos dos balões: falas ordinárias de heróis e vilões eram substituídas por diálogos políticos.



LE RETOUR DE LA COLONNE DURUTTI

Já o segundo é de que todas essas produções consistiam em produtos COLETIVOS, com todo o processo de manufatura e impressão feitos COLETIVAMENTE, além de aplicar o que se chama de "faça você mesmo". Portanto, a produção gráfica (cartazes, apropriações, panfletos, filmagens, desenhos, etc.) dos grupos mais radicais de 68 não só invadiu e ocupou o cotidiano daqueles dias com sua rebeldia e criatividade, como foi também coerente com sua perspectiva teórica revolucionária, e continua a ser uma fonte de inspiração para o presente.

Nos Estados Unidos



Nos Estados Unidos, onde o movimento de contracultura se fez bastante presente, ocorria um novo comportamento da juventude e da sua cultura na época.

Ser hippie, naquele preciso contexto, não era, portanto, questão de modismo, mas de comprometimento com uma vida alternativa que buscava mudanças sociais estruturais, com a negação das distinções de sexo, classe, orientação sexual, etnia, etc.

O reflexo, entretanto, se via muito presente em outros âmbitos da vida em sociedade. Não se pode reduzir os anos 1960 aos movimentos estudantis apenas, deixando de lado os experimentos artísticos, os festivais de música e os grupos de teatro experimental em São Paulo. Eventos como o festival de música em Woodstock, o Novo Romance francês, o Cinema Novo no Brasil e o surgimento de grupos de artistas que partiam das questões de gênero, especialmente dos usos do corpo feminino e da escravidão doméstica.

No Brasil

No âmbito brasileiro, por sua vez podemos resgatar a efervescência artística que o país vivia diante do golpe militar de 1964. A ebulição artística da época foi “expressada no Cinema Novo, na Bossa Nova, nos Centros Populares de Cultura, desdobrou-se, após o golpe, um amplo movimento de resistência cultural contra os novos governantes, a censura e o chamado ‘terrorismo cultural’.



Seja pela memória nostálgica, pelas aberturas que o Maio de 68 causou na arte, cultura e no comportamento social em diversas partes do mundo, ou pelos ideais revolucionários, o momento histórico se faz mais vivo do que nunca após cinco décadas, aberto para ser destrinchado.

Fontes:
Heloisa Cavalcanti
Erick Corrêa
Maria Teresa Mhereb
Maria Lygia Quartim de Moraes
Celso Frederico
Konrad



Só de ver esta obra você consegue imaginar sobre o que ela fala?
Quem foi herzog?
Por que escrever isso em um cédula?

Herzog foi um jornalista crítico à ditadura militar brasileira, trabalhava em grandes veículos de mídia como a TV Cultura e a BBC. Ele havia sido solicitado a depor no DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações/ Centro de Operações de Defesa Interna) sobre sua possível ligação com o partido Comunista. Ele então foi torturado e morto. No dia seguinte foi divulgado que ele havia se enforcado na prisão, mas como tiro no pé do DOI-Codi, a foto que o próprio destacamento solicitou para ser tirada do morto denunciava que ele havia sido, na verdade, assassinado. Na imagem divulgada, Herzog aparece enforcado, mas com os joelhos apoiados no chão, não tendo espaço para gravidade causar algum choque ou asfixia.

Cildo Meireles, para refletindo sobre a censura (ponto importante de se pensar aqui: ocultação de informação e mentira foram as principais caracteristica do caso Herzog e de tantos outros), tortura e medo do periodo ditatorial, com base no caso Herzog, carimba cédulas de cruzeiro.

Por que Cruzeiro?
Como fazer uma mensagem circular sem ser visto?
Como o dinheiro circula?
O carimbo poderia ser uma comparação ao arquivamento de provas,documento fichas de óbitos que aconteciam na época?

Cildo faz a escolha estética de carimbar dinheiro, por tantos motivos que podemos levantar: pela facilidade que dinheiro circula entre as mãos, fazendo assim circular facilmente a mensagem; pela crítica ao dinheiro - tanto estrageiro quanto brasileiro - que financiaram este sistema político-econômico; inspirações pela captura de objetos do cotidiano e transforma-los em objeto de arte, como os Ready-Made de Duchamp; A frieza de tratar os mortos, como se fossem mais um documento a ser assinado e arquivado. e tantas outras interpretações.



Tem muita informação aqui né? O que essa quantidade de formas, cores, pessoas te passa de sensação? Há uma multidão aqui, o que ela faz?

"Utilizando técnicas de impressão como fotocópias, tipos móveis, texturas e padronagens, viabilizou a publicação semanal em formato tabloide em duas cores. Segundo Gaitter (2005) a estrutura econômica viável sistematizada por Douglas associadas a uma produção gráfica sedutora que reaproveitava materiais do desperdício em uma sociedade decadente se tornaram as armas da revolução. Através dessas técnicas, Douglas trabalhava com recortes de fotografias e produzia imagens rápidas para cumprir com os prazos do jornal.
Com combinações de texturas engenhosas desenvolveu seu estilo de ilustração que apresentava grossos contornos negros (mais fáceis de imprimir)."

Trecho retirado de Legado da iconografia de emory douglas para os movimentos contemporâneos de luta pela igualdade racial por Cláudio V. Silva e Rita A. C. Ribeiro

Emory Douglas, foi ministro dos Panteras Negras, grupo de militantes negros dos Estados Unidos que na década de 60 se organizou devido a alta violencial policial e governamental contra a população negra. A atuação do partido começou pequena, como monitoramento das atividades policiais nos guetos, mas precisou se intensificar conforme a represália do governo aumentou sobre esse tipo de atividade.
Acontecimentos de hoje, como a morte de George Floyd e aqui, a chacina de Jacarezinho e muitos outros são um dos motivos para que organizações como esta tenham tanta importancia e, ainda, pareçam fazer sentido...

No jornal, assim como nas publicidades dos Panteras Negras, toda a ideia de de arte como colaboradora de transformações sociais esta em jogo. Era necessario uma comunicação direta, combativa (que convocasse o povo negro ir a luta e se defender) e educativa, para ensinar questões como consciencia racial, organização coletiva, além do entedimento sobre o proprio sistema capitalista e racista.



Emicida - Pantera Negras: https://www.youtube.com/watch?v=Xi1BfosGv2E

Filme: Judas e o Messias Negro

Tupac é filho de uma Pantera Negra, sera que foi por isso que ele escreveu letras tão potentes? Um video dele falando da sua familia https://www.youtube.com/watch?v=4AStu-aHPlE

Ocorreu uma exposição sobre o trabalho de Emory Douglas no Sesc Pinheiros, aqui você ouve uma pequena entrevista com ele https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10901_TODO+PODER+AO+POVO

Nise de Silveira e Dona Ivone Lara



Nise foi um medica (a única mulher médica da sua turma!) que atuou por volta dos anos 40 nos temas de psiquiatria e terapia ocupacional.



Nise junto com Dona Ivone Lara revolucionaram a maneira que pacientes psiquiátricas eram tratadas. Ela inseriu no Centro Psiquiátrico Nacional a Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (Stor), que trabalhava a ideia de arte para que os pacientes pudessem se expressar,(e se comunicar, também), se movimentar e trabalhar sua criatividade.



Antes de sua proposta, as pessoas nos Centros psiquiátricos, ou mais comum, nos manicômios eram tratadas de maneira desumanizada (com sua humanidade negada) e recebiam tratamentos violentos como choque, lombotomia, controle de seus movimentos…



Tal trabalho durou 70 anos e mostrou uma outra maneira, mais humana e efetiva de pensar a loucura.

Você consegue estabelecer a ligação do por quê deste trabalho estar nessa aula? **Escreva pelo menos (pode escrever mais se quiser!) um parágrafo fazendo relações deste trabalho com o tema da aula e os outros trabalhos aqui apresentados!**

Arte e Psiquiatria - Ocupação NIse da Silveira (que é ótima para entender um tanto da trajetória de Nise
https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/?content_link=7

[HISTÓRIAS ILUSTRADAS] #5 - Nise da Silveira
https://www.youtube.com/watch?v=MeyOYwI5QgQ

Dona Ivone lara:
http://blog.saude.mg.gov.br/2018/04/17/vocesabia-dona-ivone-lara-dedicou-maior-parte-de-sua-vida-a-saude-publica/

PAUSA   PAUSA   PAUSA

se você chegou até aqui vamos tentar aprender outra coisa: Perceber o corpo

1 - Neste exato momento, sem mudar muito a postura, como está seu corpo? Olhe, não com os olhos, mas com sua consciência. Pense: como está seu pé, suas costas, sua bunda, as mãos, a língua… Como estas partes estão? Alguma delas dói? Fique nesta parte o tempo que precisar.

2 - Levante-se e tente alcançar o teto, estique seu corpo pra cima o máximo que puder. Depois, alongue, da maneira que souber. Sinta cada parte do corpo que você observou anteriormente.

3 - Agora, ainda de pé, tente relembrar o conteúdo, o que você lembra? Escolha uma obra anteriormente apresentada, de memória mesmo, e tente a reproduzir através de um gesto ou pose.

Podemos seguir….

O CORPO NA ARTE



Ismael Ivo

"A cultura é um elemento transformador da vida"

Em 2021, Ivo se junta ao panteão de cabeças pensantes arrancadas do convívio de um país cada vez mais carente de cultura. De Ismael Ivo. Foi assim com Aldir Blanc, com os atores João Acaiabe e Gésio Amadeu; Nicette Bruno e Ubirany Félix e tantos outros que sucumbem vítimas da pandemia do Coronavírus que matou centenas de milhares de pessoas no Brasil.

Ismael Ivo tinha a cor da noite. Homem negro, com os músculos definidos pelo trabalho de mais de 30 anos de carreira apenas no exterior, Ivo era a definição perfeita de um Deus do Ébano, como bem cantou o Ilê Aiyê.



Como todo o representante da raça, sua vida foi dura. Ismael Ivo nasceu na periferia da Zona Leste de São Paulo, Vila Ema, precisamente. Filho de empregada doméstica, foi criado apenas pela mãe e desde de pequeno encarou as dificuldades impostas aos que nascem com a pele da cor da noite.





O Brasil não conhecia Ismael Ivo. Assim como acontece com representantes de variados segmentos artísticos, o bailarino teve seu talento reconhecido no exterior, para onde embarcou em 1984.

Ismael Ivo desembarcou em Viena, onde fundou ao lado do diretor artístico Karl Regensburger, o festival de dança contemporânea “ImPulsTanz”, na capital da Áustria. O Brasil, enquanto isso, dava os primeiros passos para sair de uma ditadura sanguinária e que atingiu principalmente a arte. O exílio se tornou comum para expoentes da nossa cultura como Gilberto Gil e Geraldo Vandré.

À frente de um dos maiores festivais de dança da Europa, Ismael Ivo viu sua vida se transformar por meio da dança. No início dos anos 2000, Ivo se tornou o diretor da “Bienal de Veneza”.

“O Brasil já é uma Babilônia de raças e culturas. Não se pode viver aqui sem intuição; intuição a gente come com arroz e feijão”, declarou Ivo.

Os passos deste homem negro ao encontro da história seguiram. Ismael Ivo desembarcou na Alemanha, onde se tornou o primeiro negro e estrangeiro à frente do Teatro Nacional Alemão, na cidade de Weimar.



Delírios de uma Infância

Ismael Ivo passou 12 anos na Alemanha, mas sempre manteve conexão com sua terra natal. Ele trouxe para São Paulo o espetáculo "Othello", de William Shakespeare, e se apresentou ao lado do grupo de dança do Teatro Nacional da Alemanha.

Para muitos, "Delírios de uma Infância" foi seu melhor trabalho. O espetáculo estreou em Berlim, em 1989 e reúne, por meio da dança, as impressões de uma criança negra nascida na periferia do Brasil. Ismael Ivo condensa memórias afetivas de sua vida pessoal como a ancestralidade negra e o impacto da escravidão na história de um dos países mais racistas do mundo.



A reaproximação com o Brasil aconteceu tarde, precisamente em 2017 quando, finalmente, assumiu a direção do Balé da Cidade de São Paulo. Ismael e a história se encontram novamente, já que ele se tornou o primeiro negro à frente de uma das companhias de dança mais importantes do país. País este com 54% de pretos e pretas, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A gestão de Ismael Ivo aproximou a cidade de São Paulo de um de seus símbolos. O Theatro Municipal, ícone de beleza e segregação. O bailarino dirigiu "Corpo Cidade", que usou a dança para falar da relação entre a metrópole e as pessoas que nela vivem.

O racismo estrutural, porém, esteve sempre na cola de Ismael Ivo. O bailarino acabou demitido do Balé da Cidade de São Paulo após acusações de assédio moral, negadas com veemência por ele.

“Minha carreira artística e profissional é imaculada. No mundo todo, por onde passei, sempre respeitei e fui respeitado como ser humano e como artista. Manchar minha imagem tornou-se uma verdadeira obsessão. Tanto que mesmo após eu ter sido inocentado pela comissão especial continuo sendo atacado e impedido de retornar ao cargo que ocupava”, se manifestou em nota na época.

O Brasil não conhecia Ismael Ivo, que nos deixou cedo demais. Sua obra, porém, impactou dezenas de milhares jovens negros com o sonho de fazer carreira na dança. Vamos enegrecer os palcos!

Que a memória e trajetória de Ismael Ivo sirvam para que o Brasil se inspire e compreenda que não há possibilidade evolutiva sem a arte. Mas a arte que inclui e luta contra preconceitos históricos, como o racismo. O resto, caros leitores e leitoras, é balela e tem compromisso com a opressão.

Fonte:

Kauê Vieira

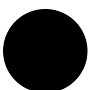


O Corpo na Obra de Hélio Oiticica

Na arte contemporânea brasileira, um dos primeiros exemplos de “corpo trágico” ou “corpo político” ou “corpo como campo de batalha”, baseado numa fotografia de imprensa, é "Bólide caixa 18" (1965-1966), de Hélio Oiticica, expressão de um “inconformismo absoluto”, nos dizeres de Mário Pedrosa.

A obra consiste numa caixa preta destituída de tampa, em cujas faces internas estão dispostas quatro cópias da fotografia do corpo do bandido conhecido como Cara de Cavalo perfurado por mais de cem balas. No fundo da caixa, há um saco plástico com pigmento vermelho, que traz a inscrição “Aqui está e aqui ficará. Contemplai seu silêncio heróico”. Uma tela, que se estende da borda da parede posterior até o extremo da anterior, recobre as imagens do corpo do bandido, de braços abertos como um crucificado, funcionando como um véu transparente, que dá a ver e, ao mesmo tempo, recobre pudicamente o fato trágico ali representado.





A obra é considerada pelo artista como “um problema ético”, como uma homenagem à revolta social individual. Amigo de Cara de Cavalo, assassinado pela "Scuderie Le Cocq", Oiticica depara-se com “um aspecto ambivalente no comportamento do homem marginalizado: ser sensível e, ao mesmo tempo, violento. Uma outra ambivalência permeia a obra. O aspecto cristão com o qual é tratado o cadáver de Cara de Cavalo, patente na disposição cruciforme da caixa, no véu que o recobre, na presença do pigmento vermelho como

símbolo do sangue derramado por ele, parece ser fruto da dissociação que o artista estabelece entre a própria percepção do amigo e a imagem pública de inimigo da sociedade. Embora consciente da dimensão complexa e paradoxal da figura do marginal, Oiticica não se conforma com o fim brutal do amigo, determinado pelo fato deste ter matado o policial Milton Le Cocq de Oliveira, que estava a serviço de um bicheiro, descontente com a atuação de Cara de Cavalo em seu território. A tomada de posição do artista é contundente:Esta homenagem é uma atitude anárquica contra todos os tipos de forças armadas: polícia, exército etc. Eu faço poemas-protesto (em Capas e Caixas) que têm mais um sentido social, mas este para Cara de Cavalo reflete um importante momento ético, decisivo para mim, pois que reflete uma revolta individual contra cada tipo de condicionamento social. Em outras palavras: violência é justificada como sentido de revolta, mas nunca como o de opressão.





O clima político do momento é parte integrante da atitude de Oiticica, como

demonstra a contraposição entre anarquia e todo tipo de poder armado. Ao associar o “momento ético” ao indivíduo, o artista dá a ver sua profunda aversão por um Estado policial destituído de toda ética, fundado na violência, no controle, na repressão e no autoritarismo. Cara de Cavalo, nesse contexto, transforma-se em símbolo do direito à resistência individual contra um Estado opressor, do mesmo modo que figuras como

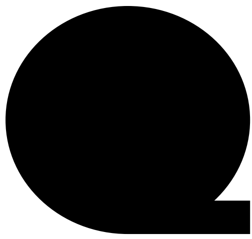
Antônio Conselheiro e Lampião, sendo determinante para isso

o fim trágico que tivera.

Apesar de lançar mão da fotografia, Oiticica, de certo modo, atenua seu poder de impacto, no momento em que estabelece um paralelo entre Cara de Cavalo e a imagem de Cristo. Se, de um lado, obriga o espectador a encarar um fato brutal, do qual tenderia a fugir, de outro, oferece uma pausa no impacto visual pretendido, ao criar uma atmosfera religiosa que leva o drama de Cara de Cavalo para outro patamar.

Fonte:

Annateresa Fabris



Arte e Indústria Cultural

A Arte é uma forma de resistência à **indústria cultural,** termo cunhado em meados do século 20 pelos sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, Indústria Cultural se refere à produção padronizada da cultura, destinada a ser consumida por um público massificado. Nesse ambiente, a arte é uma exceção, uma forma de resistência à massificação da cultura.



As afirmações são do professor Martin Grossmann sobre uma declaração do cineasta francês Jean-Luc Godard, segundo a qual "arte é exceção, cultura é a regra".

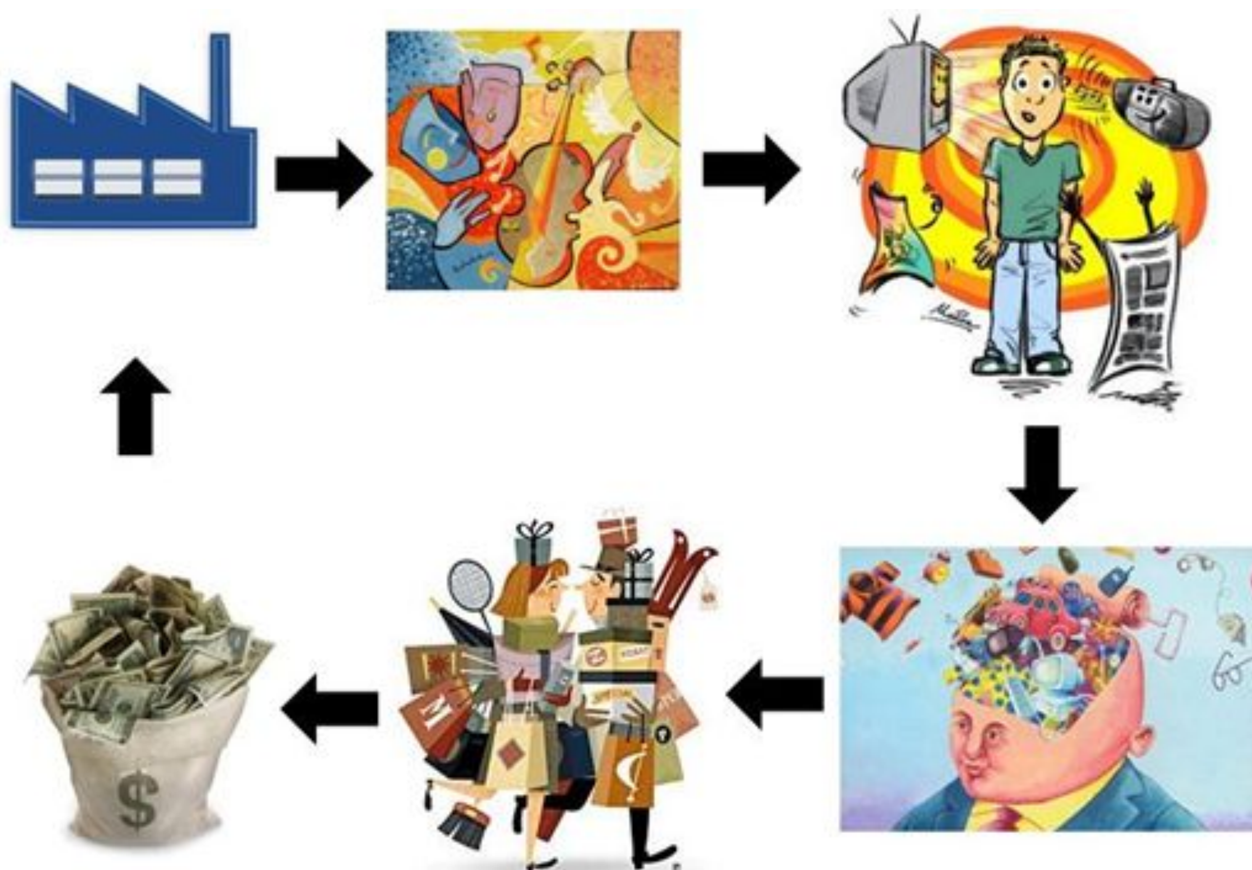
Torna-se clara a diferença entre arte e industria cultural ao analisarmos suas relações com o prazer. A indústria cultural propõe-se a satisfazer as necessidades da sociedade, porém isso acontece de forma ilusória, esta indústria ofereve seus produtos revestidos de um caráter de realização plena da felicidade do sujeito, promete status, a inserção social, enfim, a satisfação da carência em relação a determinado sentimento de prazer.

Perdemos a capacidade de identificar-se, nossa identidade é minada pela desvalorização criada pelo cansaço gerado pelo trabalho, então através da cultura de massa, buscamos o esforço de nossa identidade, pela satisfação manipulada de nos vermmos representados nas mídias televisivas, cinematográficas e internet... E a isso ainda, exclui-se a criatividade.



A pessoa sentindo a pressão social (trabalho, questões morais e religiosas) tenta encontrar um sentido e cai na armadilha da indústria cultural, fabricante deste mito do alcance à felicidade através das propagandas (disfarçadas ou não), da compra de produtos e serviços. Já a Arte, caminha numa direção contrária, a princípio é antisocial pois não adere aos padrões pré concebidos da sociedade. Critica reivindicando uma autonomia em relação às modos capitalistas impostos a ela.

A AUSÊNCIA DE FUNCIONALIDADE dela vai de encontro à concepção do determinismo funcional do homem no sistema capitalista. Integrada nesse sistema, a pessoa não se encontra pronta para receber a arte, pois esta não oferece a diversão, a descontração ou o relaxamento. Ela expõe justamente o sofrimento disfarçado e reprimido devido às castrações da vida social.



Compreender uma obra de arte completamente não é possível, há sempre um quê de insolúvel, um enigma insuperável. Apresentar a uma pessoa comum uma contemplação a qual ela não está acostumada, torna-se tarefa difícil, visto que a indústria cultural além de não oferecer, abandona de propósito qualquer elemento que exija a reflexão.

O valor da arte na nossa sociedade regida pela indústria cultural é mediada pela aparência somente das belezas padrões, e nos esclarece que a arte deve estar sempre livre das interferências da indústria cutural capitalista, gerando criatividade, questionamentos e reflexões.

Fonte:

Cristiano J Barros (editado)

Para entender o que é Indústria Cultural

A indústria cultural e o mito de que o passado era melhor - https://www.youtube.com/watch?v=XIZXJ-KyaL0